

Logo que se viu sozinho com a noiva, o visitante ofereceu-lhe um copo de vinho, no qual, sub-repticiamente, havia deixado cair a metade do anel que trazia consigo. A jovem bebeu o vinho, e, quando encontrou o pedaço do anel, seu coração começou a bater aceleradamente. Ela pegou a metade que guardava, presa a uma fita em torno do pescoço, e juntou as duas metades, que se ajustaram perfeitamente.

E ele disse, então:

— Sou teu prometido noivo, que conhecestes como Pele de Urso, mas que, graças a Deus, recuperou a forma humana.

Levantou-se então, tomou a jovem nos braços e beijou-a. Nesse momento exato, as outras irmãs voltaram à sala, usando as suas vestes mais ricas. Ao ver que o elegante e bonito homem que tanto as entusiasmara, escolhera a caçula, e tendo sabido que ele era nada mais nada menos que Pele de Urso, foram tomadas de tanta inveja e tanto ódio, que fugiram correndo, desorientadas.

Uma delas caiu no poço e morreu afogada. A outra enforcou-se em uma árvore.

À noite, bateram na porta da casa e, quando o noivo foi abri-la, viu o Diabo, vestindo o seu casaco verde.

— Estás vendo como são as coisas? — disse ele. — Consegui levar para o inferno duas almas, em vez de uma só!

94.

PARCERIA DE GATO E RATO

Era uma vez um gato que travou conhecimento com um camundongo, e tanto o elogiou e exaltou a amizade que tinha por ele, que afinal o camundongo concordou que poderiam dividir as despesas, morando juntos.

— Teremos, porém, de fazer provisão para o inverno, pois, do contrário, poderemos passar fome — decidiu o gato. — E tu, ratinho, não podes te aventurar por toda a parte, senão acabarás sendo apanhado por alguma armadilha.

A sugestão foi aceita, e compraram uma porção de toucinho. Não tinham, porém, lugar onde guardá-la. Afinal, depois de pensar muito sobre o caso, o gato decidiu:

— Não sei de lugar melhor para guardar o toucinho que a igreja, pois lá ninguém se atreverá a furtá-lo. Vamos escondê-lo atrás do altar, e só o buscaremos quando estivermos realmente precisados.

A caixa de toucinho foi, assim, colocada em segurança, mas não passou muito tempo, e o gato foi sentindo uma vontade enorme de comer toucinho.

Disse, então, ao camundongo:

— Pois é isso, amigo rato. A minha prima deu à luz um gatinho muito bonitinho, branco, com pintas amarelas, e me convidou para ser seu padrinho. Assim, tenho de levá-lo à pia batismal. Permite, pois, que eu me afaste por um dia e tomarás conta da casa, e farás o que é preciso.

— Pois não, pois não, amigo Bichano — replicou o rato. — E se no batizado tiver alguma coisa gostosa que possas me trazer, ficarei muito satisfeito.

Toda aquela conversa do gato, porém, era mentira. Ele não tinha prima alguma, ninguém o convidara para ser padrinho. Saindo de casa, ele foi



diretamente procurar o toucinho na igreja, e começou a lambê-lo. E lambeu tanto, que tirou toda a parte de cima. Depois, deu um passeio pelos telhados da cidade e, quando se cansou de andar e pular, deitou-se em uma relva macia, à luz do sol, e lambia os beiços todas as vezes que se lembrava do toucinho. Só voltou para casa à noite.

— Bons olhos te vejam! — exclamou o camundongo ao recebê-lo. — Estou vendo que se divertiu muito.

— Com efeito — limitou-se o gato a dizer.

— Qual é o nome de seu afilhadinho? — quis saber o rato.

— Pega-logo! — respondeu o gato, com a maior calma.

— Pega-logo?! — admirou-se o camundongo. — Que nome mais esquisito! Há outros com esse nome em tua família?

— Esquisito por quê? — retrucou o gato. — Não é pior do que Furta-Queijo, como se chama seu afilhado.

Pouco tempo depois, o gato foi tomado por um forte desejo de comer toucinho, e disse ao rato:

— Precisas me fazer um favor, tomando mais uma vez conta da casa. Só por um dia. Fui de novo convidado para ser padrinho de um gatinho e não posso recusar, pois devo favores aos pais dele.

O camundongo atendeu ao pedido, mas o gato, em vez de batizar o afilhado, que, evidentemente não existia, só foi à igreja para devorar o toucinho até a metade.

Ainda lambendo os beiços, voltou para casa, e o camundongo perguntou-lhe:

— E como é o nome desse teu novo afilhado?

— Pela-Metade — respondeu o gato, sério.

— Pela-Metade?! — exclamou o rato. — Nunca ouvi falar em tal nome em toda a minha vida!

— Agora mesmo não acabaste de ouvir? — reagiu o gato, que, dois dias depois, sentindo irresistível saudade do toucinho, e, alegando perante o rato a sua qualidade de padrinho, e deixando a casa entregue aos seus cuidados, teve de ir à igreja, não propriamente para participar de um batizado, e sim para devorar o resto do toucinho.

Quando voltou para casa, o camundongo quis saber o nome do terceiro afilhado.

— Agora-Acabou — informou o gato, com toda a convicção.

O rato nem queria acreditar que houvesse no mundo um nome tão estrambótico. Mas teve de se conformar.

Depois disso, o gato não foi mais convidado para ser padrinho de gatinho algum, mas, quando chegou o inverno, e não havia em casa mais nada para se comer, o camundongo lembrou-se das provisões que tinham guardado, e disse ao gato:

— Chegou a hora, amigo gato, de irmos buscar o toucinho que guardamos na igreja. Vou me regalar!

— Muito mais do que estás imaginando! — disse o gato.

Os dois foram à igreja. A caixa na qual estava guardado o toucinho lá estava. Mas inteiramente vazia.

Diante de tal evidência, o camundongo, por mais boa fé que tivesse, foi forçado a reconhecer a realidade.

— Ah! — exclamou. — Agora sei o que de fato aconteceu! Todas as vezes que saías para um batizado, comias um pedaço de toucinho. Primeiro pega-logo, depois pela-metade e depois...

— Cala a boca! — gritou o gato. — Mais uma palavra e te devoro também!

— ...agora-acabou! — completou o camundongo, que nem tivera tempo de fechar a boca.

E mal acabou de falar, já estava na barriga do gato.